

Stadium



Em Lisboa está a disputar-se o campeonato do Mundo e da Europa de hóquei em patins. A capital vive horas de intensa emoção, vibrando-se no Pavilhão dos Desportos todas as noites. Estão presentes as melhores equipas da Europa e possivelmente do Mundo, a a quem "Stadium" presta homenagem. Em cima, à esquerda, aprecia-se a apresentação dos grupos. Portugal está no primeiro plano. Depois, a Inglaterra, Italia, Suíça, França, Espanha e Bélgica.

O SPORTING

teve um adversário

Apenas o F. C. do Porto ganhou em campo estranho.
— O Estoril teve dificuldades perante o Famalicão

CRÔNICA DE TAVARES DA SILVA

O campeonato nacional da 1.ª Divisão ofereceu-nos no domingo findo um jogo renhido, em Setúbal. O Sporting, que tem feito jogos e jogos com vitória, não pôde conseguir mais do que empate, e no último minuto do desafio. Fora de casa, apenas um grupo conseguiu ganhar: o F. C. do Porto.

Os resultados:

Olhanense... 2 — Porto,..... 4
Elvas..... 3 — Académica... 2
Vitória S... 1 — Sporting... 1
Estoril..... 3 — Famalicão... 2
Benfica... 3 — Atlético... 0
Boavista... 1 — Belenenses... 1
Vitória G... 6 — Sanjoanense 1

Depois da jornada, os grupos ficaram assim classificados:

Sporting, 37 pontos; Benfica, 32 pontos; Estoril, 25 pontos; Porto e Belenenses, 24 pontos; Atlético, 20 pontos; Vitórias (Guimarães e Setúbal), 18 pontos; Olhanense e Elvas, 17 pontos; Académica, 16 pontos; Boavista, 15 pontos; Famalicão, 12 pontos; Sanjoanense, 5 pontos.

E agora, ligeiros comentários. Começamos de baixo para cima. Isto é: — de Olhão para Guimarães.

O F. C. do Porto ganhou pela primeira vez na vila cubista...

Julgamos que o caso é «histórico». É com certeza. Os campeões nortenhos, que afinal estão pregando as suas «partidinhas» e possuem grupo mais ou menos bem constituído e sabedor da tática de Szabo, ganharam pela primeira vez em Olhão aos campeões algarvios. E fizeram-no sem deixar margem a discussões. Chegaram a 3-0, e se os olhanenses, já com o seu grupo completo, não têm aproveitado com fulgurância o princípio da segunda parte, poderiam os visitantes obter resultado mais nítido. Os briosos algarvios perderam, entretanto, uma grande penalidade. Por outras palavras: Barrigana defendeu um «penalty», como defendeu outras bolas igualmente difíceis.

O rapaz portuense que parece destinado a grandes coisas é Boavida, um académico que Luanda mandou para a Metrópole e escolheu o F. C. do Porto. É um elemento de cor, rapidíssimo, na frente de quem não deve haver descuidos. E dizem que um seu irmão, também no Porto, possui igualmente óptimas faculdades. Trabalha-se por lá e ainda bem. Precisa o Olhanense de ganhar confiança em si próprio. A equipa

está um pouco ausente, embora lhe não faltem bons elementos. A crise passará, com certeza.

Alinharam:
F. C. do Porto — Barrigana, Alfredo, Guilhar, Joaquim, Romão, Carvalho, Lourenço, Araújo, Boavida, Freitas e Catolino.

Olhanense — Abraão, Rodrigues, Loulé, João Santos, Nunes, Graziã, Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Eminência.

Os elvenses jogaram com bom sentido técnico

Deslocaram-se os estudantes para Elvas, mas desceram perante um adversário que só muito dificilmente perde no seu campo. Não pode deixar de afirmar-se, entretanto, que os académicos fizeram todo o possível por ganhar ou, pelo menos, empatar. Um golpe de pouca sorte de Toninho forneceu aos visitantes a primeira bola, mas ao quarto de hora já Rosário havia empatado.

As coisas, no segundo tempo, correram de feição para os elvenses. Dois avançados se exibiram de molde a impressionar o público: Patalino e Bentes. E a ambos calhou marcar as bolas que faltavam para o resultado final da partida.

Os frequentadores do Estádio Municipal puderam assistir a um jogo renhido, visto que as equipas puseram o melhor interesse no resultado.

As linhas:
S. L. Elvas — Semedo; Neves e Oliveira; Rana, Rebelo e Toninho; Morais, Massano, Patalino, Aleixo e Rosário.

Académica — Szabo; António Maria e Brás; Eduardo Santos, Mário Reis e Branco; Melo, Pacheco Nobre, Ataz, Azeredo e Bentes.

O Sporting fugiu à derrota no último minuto...

Claro que os «leões» não tiraram assinatura. A equipa pode perder, como qualquer outra, em dia propício. No domingo não aconteceu assim, mas por uma unha negra.

Os setubalenses, animados por público fidelíssimo, fizeram uma partida rija, voluntarioso todo o seu ataque, certa e unida a sua defesa. Só aos 22 minutos se obteve um «goal», por Nunes, e assim decorreu o jogo até que Peyroteo, quando o público considerava o resultado feito, livrou o Sporting da derrota.

Como era de prever, o jogo fez vibrar o público. Os setubalenses

corresponderam-lhe, com alegria, respondendo a ataques com ataques e não abrindo nunca a sua defesa, onde há elementos de boa capacidade. Baptista é um exemplo.

Na primeira parte do encontro «mandaram» os campeões de Setúbal. O desgaste, natural em face do seu esforço admirável, veio a consentir, finalmente, que o Sporting desse provas de possuir grupo atilado e capaz de alterar a marcha dos acontecimentos.

Os grupos:
Vitória (S.) — Baptista; Pereira e Figueiredo; Pina, Montês e Jacinto; Campos, Nunes, Viegas, Rendas e Passos.

Sporting — Azevedo; Cardoso e Marques; Canário, Barrosa e Veríssimo; Armando Ferreira, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

O Estoril experimentou dificuldades...

Os famalicenses são penúltimos. Este facto, como não pode deixar de ser, espevita-os bastante, atirando-os para a procura de resultados que os segurem na prova maior do futebol português. Por certo não desistiram ainda de os encontrar...

Não surpreende, neste caso, a resistência que no domingo ofereceram aos estorilistas, no seu próprio campo da Amoreira. Para isso contribuiu a sua entrada fulgurante com 2 «goals» que podiam abrir caminho para uma vitória surpreendente!

Ao intervalo, porém, já havia 2-1. E na segunda parte, que deu a expulsão de Adelino e de Bravo, conseguiram os rapazes do Estoril assegurar a vitória com mais dois pontos. Bem a dificultou o conjunto minhoto.

Alinharam:
Estoril — Sebastião; Pereira e Fragateiro; Oliveira, Nunes e Alberto; Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Lima.

Famalicão — Sansão; Júlio Costa e Cerqueira; Szabo, Armando e Ferrão; Sampaio, Pires, Alvaro Pereira, Tellecheia e Adelino.

O Benfica desforrou-se do resultado da 1.ª volta

Os encarregados perderam na 1.ª volta, na Tapadinha. No domingo era dia de desforra. E ela deu-se, com 3 goals de Vitor Baptista, que foi resolutivo, dinâmico. O poder de remate e de oportunidade de Vitor Baptista revelaram-se, e o Atlético

teve de vergar-se, perdendo com bom adversário.

O jogo foi fraco, a despeito de tudo. No Benfica, assegurada a vitória, houve jogadores lentos a rematar e a construir. Já o Atlético, mesmo perdendo, mostrou-se rápido a defender; no ataque, frágil e com pouco poder.

Os grupos:
Benfica — Martins; Félix e Fernandes; Jacinto, Moreira e Francisco Ferreira; Espírito Santo, Arsénio, V. Baptista, Melão e Rogério.

Allético — Correia; Baptista e Castro; Rosário, José Lopes e Armindo; Manuel da Costa, Gregório, Amaral, Guedes e Marques.

O Belenenses apenas arrancou um empate no Porto

O Belenenses, que venceu o Boavista foigadamente no seu relvado das Salésias, não foi além de um empate no Bessa. Os segundos portuenses procuram, igualmente, fugir a maus resultados. Conseguiram um belíssimo empate, contra grupo mais categorizado, e a crítica acha-o justo.

Desta vez, os atacantes do Boavista fizeram alarde de bom jogo. Caiado e Armando conseguiram impor-se muitas vezes ao adversário. Que na defesa, um jogador mereceu também as honras da tarde: — o guarda-redes Carlos.

Marcou primeiro o Boavista. O empate apareceu apenas na 2.ª parte.

Os grupos:
Boavista — Carlos; Raimundo e Pereira; Ramos, Serafim e Garcia; Rui, Armando, Caiado 1.º, Caiado 2.º e Barros.

Belenenses — Capela; Vasco e Feliciano; Amaro, Serafim e David; Mário Coelho, Quaresma, Teixeira da Silva, Palma Soeiro e Rafael.

Os vimaranenses estiveram à vontade...

O Vitória de Guimarães jogava contra os últimos e não havia motivo para surpresa. Como não houve. O conjunto campeão do Minho alterou ligeiramente o seu grupo e obteve 6 goals contra um dos adversários.

Alinharam:
Vitória de Guimarães — Machado; Garcia e João; José Maria, Curado e Teixeira; Alexandre, Rebelo, Brioso, Alcino e Franklin. Sanjoanense — Mota; Joaquim e Carvalho; Santa Clara, Baptista e Silva; Francês, Rocha, David, Azevedo e José Alves.

Ano V — 11.ª Série — N.º 233
(Isboe. 21 de Melo de 1947)

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
—

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa: Cidade João Gonçalves, 13-3.
Telefone: ANO 5 — UBOA

Director e Editor: DR. GUILHERME DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

O Campeonato do Mundo e da Europa

está a ser disputado em Lisboa com muito entusiasmo

Está de parabéns o desporto português—que, francamente, merecia de há muito uma organização com as características e o vulto da que promoveu a federação do *ôquet* em patins.

Portugal e mais seis nações encontram-se a disputar, no Palácio das Exposições, magnificamente adaptado, para as circunstâncias, num excelente Pavilhão dos Desportos, ali ao Parque Eduardo VII, a maior prova desportiva levada a efeito entre nós: — os campeonatos do Mundo e da Europa de *ôquet* em patins.

Isto significa o interesse das entidades superiores pela modalidade, e, também, que o desporto já tem um lugar ao sol... e no coração dos governantes.

Sem falsas lisonjas, é bom reconhecer-lo, pois o desporto precisa de auxílio — agora mais do que nunca tão carecido de incentivos para singrar triunfante em todas as suas variantes.

O *ôquet* em patins é um espectáculo de pleno agrado — pela monumentalidade do jogo e dada a categoria que já denotam os nossos praticantes.

O público assim o compreende — e não bem o manifestou, comparecendo, em número elevado, no Pavilhão do Parque, a significar o seu apreço pela interessante modalidade, que o facto se regista como acontecimento inulgar. Antes assim:

Não cabem aqui, em simples crónica, anotações pormenorizadas sobre o que vimos nas duas primeiras jornadas dos campeonatos mundiais e europeus.

A exiguidade do espaço há que aduzir outras circunstâncias de momento — a saída da *Stadium*, por exemplo, em dia certo da semana, de tal modo que a sua concepção impede referências além de domingo, razão por que só aludimos, em resumo a seguir, às duas primeiras jornadas do torneio — e por isso nos reservamos para mais tarde comentário circunstanciado do acontecimento.

Que, na verdade, é assunto para ser tratado mais de espaço — e tanto que contamos fazê-lo em números próximos.

Por ora — apenas referência ligeira — para focar a importância do acontecimento.

Integrado nas comemorações centenárias, o campeonato desportivo, desde logo, justificados entusiasmos — e geral interesse público. Tinha de quê, aliás, por ser a primeira vez que uma competição de tal quilate se disputa em Portugal. E constituiu êxito. Um êxito absoluto.

A cerimónia de inauguração — honrada com a presença do Chefe do Estado — teve brilho raro. Foi uma festa interessantíssima. Bela

página a acrescentar ao álbum do desporto nacional.

Não se olvidaram os organizadores de encorporar na cerimónia os antigos «internacionais» portugueses; lá vimos António Adão, Germano de Magalhães e Leonel Costa — relíquias da modalidade e «trindades» famosas entre as mais celebradas figuras do *ôquet* de antigamente; ali estiveram, também, a par de José Carlos e de Luis Aquino, dois «veteranos», Alberto Mendes e António Bernardino, mais modernos mas também já considerados... dos «velhos»! Foi um momento de saudade que viveiram quantos andam ligados a este desporto há boa vintena de anos.

Recordar é viver! E no sábado, 17 de Maio, data memorável para o *ôquet* português — jornada irremediável — os antigos acamadoram com os novos, escutando, de novo, os rumores da multidão, sentindo bem perto quanto ainda são queridos. Nomes que não esquecem! Nomes que ficam para a história do *ôquet*. Nomes, enfim, que os federativos, num gesto nobilíssimo e em grato prelo de homenagem, quiseram associar à organização da maior prova da especialidade havida em Portugal.

Resumo das duas primeiras jornadas. — Na ronda de abertura defrontaram-se Espanha-Suíça, França-Inglaterra e Bélgica-Portugal, com triunfos, respectivamente, de espanhóis (2-1), britânicos (3-2) e portugueses (7-2).

Espanha-Suíça — Foi o primeiro desafio, que serviu, apenas, de simples aperitivo, porquanto a partida, desenrolada com morosidade, pouco interessou no aspecto técnico.

Os espanhóis, estreantes internacionais, há pouco mais de um mês, em Montreux, devem ter progredido de então para cá o suficiente para inquietarem os adversários a enfrentar na prova. Quanto aos helvéticos, alguns deles já conhecidos e familiarizados com os portugueses, não forneceram sensação que bastasse para justificar a sua presença. Chegou-se ao intervalo com 2-0 (ambos os tentos marcados por Mäs) e o «goal» dos suíços foi obtido, a vinte segundos do final, por Martinetti.

França-Inglaterra — Partida emocionante, rijamente disputada, de princípio a fim, vendendo os gauleses caríssima a derrota, que, aliás, somente acabaram por consentir a um minuto e cinquenta e sete segundos do termo do jogo. Correção. Disciplina. Bom *ôquet* praticado. Espectáculo muito agradável e que positivamente encantou a assistência. Os britânicos foram superiores.

Bélgica-Portugal — Excelente primeira parte dos lusitanos, que, na seguinte, se retraíram o suficiente para permitirem aos antagonistas mais liberdade de movimentos. Cinco-zero na altura do descanso. Depois, até meio do segundo tempo, os belgas diminuíram para 2-5. E, no último momento, Correia dos Santos — que fogueidade e juventude denota este rapaz! — aumentou para 7-2. Arbitro: Gaumabert (França).

Bélgica-França — Começou a jornada com um verdadeiro «coup-de-théâtre», pois ninguém, por certo, acreditaria na vitória dos belgas. Que aliás ganharam com merecimento. Porque, na realidade, os gauleses nem se assemelharam aos da véspera! E eram, precisamente, os mesmos, com excepção, apenas, do suplente. Dois tentos de entrada, no espaço de vinte segundos e dentro do primeiro minuto, quebraram por completo os gauleses. Depois... foi a derrocada!

Itália-Suíça — Com arbitragem dos portugueses Martins Correia, os italianos, que haviam chegado a Lisboa na véspera, à noite, fizeram a sua estreia na competição.

Superioridade incontestada dos

italianos, cujo jogo finíssimo agradeu imenso, especialmente no segundo tempo.

Espanha-Portugal — Quase ia sendo «um caso sério»! Os lusitanos tiveram pela frente, conforme sucede quase sempre quando se trata de espanhóis, um adversário perigosíssimo, forte na defesa e expedito no contra-ataque, que lhes dificultou ao máximo o triunfo. Mas por fim venceram, embora, para isso, tivessem de lutar energeticamente. A primeira parte fechou com o empate de 1-1. Portugal desperdiçou dois «penalties». No segundo tempo os portugueses prosseguiram dominando; porém, o «goal» do triunfo tardou demais.

Arte e desporto — O público ficou verdadeiramente maravilhado com as exhibições de patinagem artística. Desenharam-se figuras interessantíssimas no tablado do Pavilhão do Parque Eduardo VII. E essas atitudes eram realmente dignas do cinzel de um escultor de raça ou de um artista aprimorado da pintura. Arte. Desporto puro. Elegância. Correção. Numa palavra: Beleza.

Jorge Monteiro

O BELENENSES

ganhou o campeonato de Portugal de juniores

O Belenenses, vencendo a Académica de Coimbra, conquistou o campeonato nacional de juniores. O resultado, visto à luz das possibilidades de cada um dos finalistas, não deixa de ser justo, embora os estudantes tivessem trabalhado bem para o difícil.

A fase final deste campeonato teve na verdade um movimento interessante. Os grupos do F. C. do Porto e da Académica fizeram 3 jogos para se marcar um «goal», e o Belenenses também não conseguiu mais do que um tento no último jogo do campeonato — o jogo decisivo, claro.

Os académicos ainda se queixaram do árbitro. Este não marcou ao Belenenses uma grande penalidade; o mais justa possível, por derrabe do Gaimarães, dentro da grande área. O tento da vitória belenense apareceu aos 25 minutos da primeira parte, por Mota, que executou um espectacular golpe de cabeça. O esperançoso guarda-redes da Académica de Coimbra não pôde evi-

tar esta jogada de admirável energia e bom futebol.

Seja como for, a Académica foi boa adversária dos azuis, agora campeões de Portugal. Embora o Belenenses dominasse mais e no segundo tempo pudesse demonstrar o seu valor mais apurado, assistiu-se a uma final movimentada. O vencido não se deixou bater sem glória.

Eis como alinharam os finalistas.

Belenenses — Caetano; Oliveira e Correia; Portes, Castelo e Martins; Mota; Matos, Veríssimo, Aires Martins e Marques.

Académica — Prates, Faria e Mesquita; Carvalheiro, França Martins e Pires Corvelho; Morgado, Portugal, Gaimarães, Teixeira e Jorge Santos.

O árbitro, sr. J. Trindade, de Setúbal, não teve trabalho correspondente a um jogo final. Ambos os grupos se queixam. Os rapazes de Coimbra um pouco mais.

Assistia ao encontro o sr. Director Geral dos Desportos.

Federação de Futebol

— a maior de todas

O interesse e o desenvolvimento que o popular jogo de futebol hoje se rodeia obriga, naturalmente, a uma actividade enorme. Nunca se supôs, há uns anos, que o futebol português atingisse este nível de entusiasmo, e chegasse a tão altos momentos de prestígio popular. E' por isso curioso observar, pensamos, o trabalho de organização e regulamentação do futebol português — o que se nota na Federação Portuguesa de Futebol.

E' na secretaria da importante organismo que se pode avaliar todo o interesse e movimento provocados pela actividade do futebol português.

Quando subimos ao primeiro andar da rua da Emenda não levamos na ideia esta reportagem, a obtenção de informações especiais, nem mesmo desejávamos interromper o seu ilustre presidente, o sr. engenheiro André Navarro. A nossa visita à Federação destinava-se especialmente a observar tanto quanto nos fosse possível o movimento dos seus serviços de secretaria — cérebro que dirige e movimenta a organização.

Um dirigente amável e atencioso — que Lisboa inteira conhece — o prestigioso notário dr. Faccó Viana, recebe-nos no seu gabinete de Secretário Geral da Federação.

Pouco ou nada se pode dizer — afirmamos — nesta altura da época em que as novidades estão todas divulgadas. Neste momento seguem-se, sempre atentamente, claro está, todos os pormenores de uma actividade que preencheu uma das mais movimentadas e felizes épocas de futebol.

— Se bem que o campeonato nacional perdesse um pouco de interesse, pois que a supremacia conquistada valorosamente pelo Sporting não forneceu este ano períodos de expectativa quanto ao primeiro classificado... — declara-nos o dr. Faccó Viana.

— E essa vantagem conseguida pelo Sporting prejudicou o interesse pelo futebol?

— Tirou-lhe um pouco de curiosidade; mas o Nacional deste ano tem tido o seu motivo de maior interesse na luta dos clubes por classificados tentando esforçadamente fugir ao penúltimo posto da classificação.

Além disso tivemos um Nacional da 2.ª divisão muito animado e de resultados muito curiosos para a Província e um bom campeonato de juniores.

— A nova orgânica em que se pensa assentar o futebol?

— Quando se divulgaram as base em que se pensava no futuro fazer reger o futebol nacional, as apreciações foram talvez alarmantes, mormente por parte de Lisboa. Não havia, como não há, motivos para apreensões. Esse documento é simplesmente o produto de um trabalho levado a efeito pela comissão para esse fim nomeada.

Há que ouvir — e com a melhor atenção — as sugestões das várias associações do país. E' o que irá suceder, e depois se resolverá definitivamente.

— Lisboa — os seus clubes — sente-se lesada com a entrada em vigor dessa nova regulamentação, atalhámos.

— Por enquanto, é cedo para se dizer qualquer coisa. No entanto, o ter-se divulgado o seu trabalho — como teria de ser — foi precisamente para que até nós chegassem todas as suas sugestões que o assunto merece e até para que essa nova orgânica do futebol nacional resulte eficaz.

— Nunca julguei que o futebol atingisse no nosso país tão grande desenvolvimento. Chega a impressionar toda a actividade que neste organismo tem de se dispendir para manter regular e modeladamente a organização. Números colossais informam melhor que as palavras o que é actualmente o movimento do futebol português. Milhões de pessoas estão ligadas ao popular jogo.

— Os jogos internacionais desta época espertaram o interesse?

Verifica-se gradualmente aumento de interesse pelo grupo nacional mantendo mais aceso o entusiasmo pelo jogo.

— Que pensa do próximo Portugal-Inglaterra?

— Desejo um bom resultado, mas não descreio numa vitória. Agrada-me esperar



Dois empregados da Federação, distintos e sabedores. Rubens está à esquerda, e António Sequeira, também nosso camarada à direita.



Um aspecto da Secretaria da Federação.



Bilhetes! Bilhetes! São para o Portugal-Inglaterra mas já têm dono...



Tavares da Silva, seleccionador nacional, cultiva amizades. Os funcionários da Federação, seus colaboradores também, reúnem-se com ele num jantar de confraternização.

O movimento aumentou consideravelmente. Foi necessário recorrer aos préstimos de uma telefonista. Aqui a vemos em plena actividade

cialmente a moral e a disposição em que se encontram os jogadores da nossa selecção.

— Já se pensa na época internacional do próximo ano?

— Em princípio procuramos voltar aos jogos com a Itália, Haverá o Portugal-França e o jogo com a Irlanda. Com a Inglaterra não sabemos ainda se haverá retribuição do jogo. Com a Escócia...

— D. pois, ao fim e ao cabo, o sr. dr. Faccó Viana sempre nos brindou com três informações.

— Projecta-se organizar na próxima época um campeonato de futebol infantil e montar um curso de treinadores. Uma comissão irá fazer uma revisão do Regulamento geral da Federação de Futebol, com base na regulamentação geral.

A reunião dos directores do organismo máximo do futebol português requeria a presença do dr. Faccó Viana. Passámos à sala de secretaria observando o seu movimento.

É uma vasta sala, a secretaria da Federação de Futebol, mas todo o espaço está absolutamente aproveitado. O serviço aumenta, e dia a dia são precisas mais secretárias, mais ficheiros, aproveitam-se recantos, admite-se pessoal. É um trabalho constante pelo dia fora e que se prolonga pela noite dentro.

Há figuras já conhecidas, com bons anos de trabalho nesta organização: José Trigo, o chefe; o Rubens, o Horácio, atento aos livros da contabilidade e a evitar a fotografia, o António Sequeira, sempre às voltas com a organização dos jogos. E o serviço tem sido tanto, desdobrando-se em múltiplos casos — onde o género informação não é o menos constante — que se teve de recorrer a uma telefonista. Encontramos esta novidade na Federação que se justifica absolutamente.

Olhamos ficheiros atulhados de cartões! São as fichas dos jogadores: 37 mil! Tantos quantos são os jogadores que por Portugal inteiro animam e ajudam a propaganda ao jogo da bola. São eles os causadores de todo este movimento e mais as Associações regionais, e os clubes e público, esse público da bola, entusiasta, que talvez não dê pelo trabalho que se desenvolve naquele primeiro andar da rua da Emenda para acudir a todos os pormenores do seu desporto perferido. Em média escrevem-se por mês 1 500 officios! É tudo em ponto grande o que há a observar na secretaria da Federação. E o dinheiro?

Enquanto o campeonato nacional decorre durante a semana vão chegando as quantias para os jogos na provincia, mas quando se trata de jogo internacional — o Estádio Nacional acomodando 50 mil pessoas — pense-se na volumosa quantia que entra na Federação.

Números concretos, precisos? Para quê leitor? Centenas, milhares de escudos de fichas, de officios, que o futebol hoje é coisa grande e impressionante.

Nesta altura o trabalho redobrou. Estamos a poucos dias do Portugal-Inglaterra. E' esgotante, mais um trabalho de organização. E os pedidos, muitos pedidos de bilhetes. Dez, vinte, trinta, cinquenta mil bilhetes para o Portugal-Inglaterra. Seriam precisos mais, muitos mais. Sim, porque o leitor talvez seja dos que daqui a dias exclame: já não há bilhetes?! Parece impossível!

Fernando Sá





Grupo Desportivo do Instituto Pasteur

O Grupo Desportivo do Instituto Pasteur de Lisboa — Centro de Alegria n.º 111 — lançou-se apenas há cerca de 2 anos, com o intuito de proporcionar aos funcionários da casa algumas horas de distração. A prática dos exercícios físicos, desde sempre, interessa aos empregados do Instituto Pasteur.

Assim, criou-se a equipa de futebol. E esta tem-se conduzido admiravelmente no actual campeonato, classificando-se condignamente no campeonato de Lisboa (2.ª categoria).

No campeonato da época linda já o Instituto Pasteur marcou boa posição, classificando-se em 2.º lugar na sua série e a entrada na «poule» final. Pode dizer-se, sem dúvida alguma, que o G. D. do Instituto Pasteur possui um excelente grupo de 2.ª categoria.

E mais: — Desde que os seus componentes se dediquem com entusiasmo, poderemos ver, mais ao menos ano, uma boa equipa de 1.ª categoria, apresentada pelo Instituto Pasteur de Lisboa.

Instituto Pasteur de Lisboa

LISBOA

PORTO

COIMBRA



Grupo Desportivo «Têxtil Sedeira»

Este Grupo, dos mais activos do campeonato corporativo, foi fundado em 1 de Dezembro de 1944. Começa pelo futebol, realizando alguns jogos com grupos congéneres, demonstrando desde logo excelente valor. Filia-se, por isso, na F. N. A. T., como Centro de Alegria no Trabalho n.º 160. Isto em Outubro do ano lindo.

Embora de criação recente, a sua equipa pôde impor-se no campeonato de futebol desta época. No fim da 2.ª Volta, para apuramento do vencedor das séries, ficou vitorioso sem uma única derrota. Aparado para a «poule» final, embora sem perda de valor, não tem beneficiado da sorte. A continuar como até aqui, será grupo para ir mais longe. Além do futebol, pensam os seus dirigentes na possibilidade interessante de se dedicar o simpático grupo a outras modalidades desportivas. Oxalá assim aconteça. O Grupo Desportivo «Têxtil Sedeira» é necessário no desporto corporativo.

Têxtil Sedeira

FÁBRICA DE TECIDOS

Stadium

* * *

presta a sua
homenagem

aos grupos
desportivos
da organização
corporativa

Todos os agrupamentos desportivos filiados na Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, têm contribuído devotadamente para a expansão da educação física. Integrados nas suas funções, os Centros de Alegria têm acompanhado cuidadosamente as organizações da F. N. A. T., e por isso não deixa a Stadium de os aplaudir e de lhes criar ambiente próprio ao bom desempenho das suas funções.

Hoje dedicamos a alguns dos mais esforçados ligeiros comentários. A sua acção tem sido larga e sob vários aspectos digna de desenvolvimento. Outros serão tratados de igual maneira sempre que a nossa Revista o possa fazer.

Porque não há nada mais justo.



Grupo Desportivo Barata, Coimbras & Silva, Limiteda

Este Grupo foi constituído com o fim de reunir e estreitar em boa e sã camaradagem todos os empregados que, embora servindo sob as mesmas Ordens dos seus patrões, se encontram espalhados em diversas cnsas.

Possui o Grupo secções Cultural, Recreativa e Desportiva, mas, presentemente, só esta última se encontra em actividade com a equipa de futebol. No entanto, encontram-se em estado a criação dum grupo cénico e a realização de alguns passeios e visitas de estado. Também na parte desportiva, pretende alargar a sua actividade a torneios de Atletismo, Pingue-Pungue e, possivelmente, Voleibol.

Sob o patrocínio dos chefes principais Srs. Américo Costa e Artur Coimbra, o Grupo vai singrando devagar, mas com firmeza. Não pode esquecer-se a sua fundação recente. E, seja como for, a F. N. A. T. conquistou para o seu seio mais um excelente agrupamento.

BARATA, COIMBRAS & SILVA, L.ª

116, Rua de S. João da Praça, 118 — LISBOA

Armacenistas de mercearias, cereais, legumes e farinhas para animais

OS CENTROS DE ALEGRIA



G. D. da Fábrica Cerâmica do Carvalhinho

Este admirável conjunto desportivo nortenho, pode afirmar-se sem receio, consegue interessar as organizações congéneres, do Porto e Gaia, na propagação do desporto corporativo. Dirigido por mãos competentes, o Grupo Desportivo da Fábrica Cerâmica do Carvalhinho tem conquistado vários campeonatos distritais e nacionais. No ano findo foi finalista do campeonato nacional corporativo de futebol, deixando excelente impressão em Lisboa. E esta época, após renhido torneio, consegue triunfar no Campeonato de Portugal de luta de tracção à corda.

O esforço do Grupo Desportivo da Fábrica Cerâmica do Carvalhinho não cabe em ligeiro resumo. A sua obra no campo cultural tem sido admirável. Possui um campo de jogos excelente, com pista para atletismo, campo de basquetebol, etc.

Aos empregados e empregadas da Fábrica, sempre acolhidos simpaticamente pelos seus chefes, não faltam o estímulo e as comodidades próprias de uma grande organização.

Fábrica Cerâmica do Carvalhinho

PRADO

VILA NOVA DE GAIA

Os Grupos Desportivos da Fábrica Cerâmica do Carvalhinho; H. Vaultier & C.^a; Instituto Pasteur; Baratas, Coimbras, & Silva; Organizações da Pesca do Bacalhau e Têxtil Sedeira são hoje apresentados, através de uma reportagem breve, como Centros de Alegria, que muito tem contribuído e hão-de contribuir ainda para a expansão dos desportos dirigidos pela F. N. A. T.

O desporto corporativo triunfou e todos os trabalhadores portugueses o aceitam com simpática dedicação. As suas horas livres são passadas nos campos, desenvolvendo-se física e intelectualmente, e só isso serve de aliciente digno do carinho da Imprensa.

procuram
acompanhar
dedicadamente
os esforços
da F. N. A. T.



Grupo Desportivo de H. Vaultier & C.^a

Falar do Grupo Desportivo de H. Vaultier é recordar muitas das boas páginas do desporto corporativo. Graças ao excelente esforço de todos os seus dirigentes, à frente do qual deve colocar-se o sr. Maxime Vaultier, desportista activo e empreendedor.

O G. D. de H. Vaultier & C.^a, — Centro de Alegria n.º 8 — conquistou já muitos campeonatos, e nomeadamente os de natação, 1.ª categoria, desde 1941. Em 1945/46 conquistou o campeonato máximo de futebol e já na época presente ganhou o torneio regional.

Pratica este Centro várias modalidades desportivas: atletismo, basquetebol, canto coral, esgrima, futebol, ginástica, tiro, natação, ténis de mesa e ténis de campo.

Em todas elas consegue o florescente grapo desportivo marcar a sua posição, levando para a sua sede magníficos troféus. A sua organização no campo cultural tem impressionado quantos conhecem a sua bela obra.



Grupo Desportivo das Organizações da Pesca do Bacalhau

Antes de estar filiado na F. N. A. T. como C. A. T. n.º 92, já existia o Grupo. Limitava-se, porém, a algumas actividades com diversos organismos, demonstrando condições de vida que o entusiasmava a tomar o caso mais a sério.

A sua actividade na F. N. A. T. foi iniciada na época finda, conseguindo o 1.º lugar na sua série e, assim, a entrada na «poule» final do Campeonato de Futebol, onde por um pouco de falta de sorte conseguiram classificação inferior ao valor demonstrado.

Este ano novamente foram 1.ºs da série no Campeonato de Futebol em 1.ª categoria e 2.º na segunda categoria. Na categoria principal tem possibilidades de melhorar.

Além do futebol, tomaram também parte na Luta de Tracção à Corda, classificando-se no 2.º lugar. Iniciaram-se também no Pingue-Pongue. O Tiro é largamente praticado e outras modalidades serão praticadas no futuro.

O Grupo Desportivo das Organizações da Pesca do Bacalhau tem correspondido, indiscutivelmente, às suas funções de Centro de Alegria.

ESSO O LUBRIFICANTE IDEAL PARA AUTOMOVEIS
Marca mundialmente conhecida

BEBAM
Oleo de Fígado de Bacalhau



Publicamos duas fases do jogo e os dois grupos: em cima o da Espanha, e em baixo o de Portugal.



A MARGEM DO ESPANHA-PORTUGAL EM BASQUETEBOL

por ALVES TEIXEIRA

A crítica tem o dever de aproveitar avaramente os acontecimentos de maior projecção para, dissecando-os, sublinhar determinados permanentes.

Podem dizer que o basquetebol português ficou com prestígio em Espanha. Espera-se em Madrid que os portugueses fossem duramente batidos. E esse estado de espirito deve ter contribuído para que a nossa atuação fosse vista com mais indulgência.

O basquete português, felizmente para nós, vale muitíssimo mais do que aquilo que oferecemos em Recoletos. Quando os espanhóis foram tão pródigos em elogios, como se mostraram siés os realmente temos jogado aquilo que podemos?

Talvez os elogios fossem menores — porque teríamos ganho o jogo.

Essa ideia não se arrebou no nosso espirito pelo facto de pensarmos que somos indiscutivelmente superior aos espanhóis.

Seria arrojo visinho do quixotismo. Mas inadmissível que os portugueses, em noite normal, jogam mais do que aquilo mostrado pelos nossos vizinhos na noite de 14 de Maio.

De resto a partida teve fulgura, algumas jogadas geniais e essas em maior número pertenceram aos espanhóis que possuem um Maneja e um Ferrando capazes de assombrar. E falam assim porque em certos momentos da sua actuação admiramos uma autenticidade — uma enorme «classe». Mas nenhum deles subiu mais alto, que um Homero e um Pina em noites de acerto.

Não ouve francamente uma actuação invulgar. O trabalho de Campos (que foi sem dúvida o nosso jogador) não atingiu a cravada excepcional.

Na equipa portuguesa apenas três jogadores estiveram dentro do seu normal: Campos, Morais e Neves.

Especialmente este último jogou mais do que legitimamente se poderia exigir. Os restantes estiveram àquem do que sabem e podem e nestes Pina e Homero foram, sem contestações os mais irregulares, se olharmos a que eram os mais indiscutíveis.

A equipa com predomínio de jogadores do norte não chegou a mostrar nem pouco nem muito conjunto. Esteve em campo apenas 4 minutos e meio. Não se pode condemná-la, porque só em felicidade ela poderia realmente ter cumprido. Continuamos a discordar da colocação de Pina à defesa, que não trouxe vantagens alguma e ofereceu a desvantagem de quebrar um ataque que actuava em conjunto. César teria sido muito melhor nessa posição. Não devemos também acusar o seleccionador pelo facto de ter ordenado aquelas substituições. O recurso não deu resultado — mas pôde dá-lo. A equipa espanhola se tem encontrado nesses últimos quatro minutos e meio alguma adversário que normalmente seria constituído pelo «Cinco» que esteve em campo, teria sido esmagado, sem apelo nem agravo.

Falhou o golpe. Não se acusa ninguém e deixa-se ao capricho do jogo o ter operado aquela metamorfose no marcador, que entregou à Espanha um triunfo que só muito tarde viria a merecer.

Aguarda-se o torneio peninsular e talvez encontremos muita gente de acordo connosco, quanto à valia do nosso basquetebol, superior àquela que os espanhóis viram em Recoletos.



O Medicate, grupo marroquino de oquet em campo, jogou em Lisboa contra a selecção da capital, que venceu por 3-0. Els os grupos antes de começar o encontro



Tavares da Silva esteve há dias no Circulo Gomes de Sá, onde pronunciou um discurso. Falou sobre o futebol e foi ouvido com muita atenção pelas pessoas presentes

ATLETISMO

Campeonatos da M. Portuguesa



No Porto disputaram-se os campeonatos nacionais de atletismo da Mocidade Portuguesa. Decorreram com muito entusiasmo, tendo-se registado boas «marcas». Os concorrentes

Os técnicos irlandeses

gostaram do futebol português e esperam visitar de novo o nosso país

LONDRES, Maio de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

O resultado que Portugal obteve em Dublin é na verdade muito honroso para o nosso futebol. E ainda mais honroso porque os adversários o reconheceram nobremente. A imprensa e os mais coltos desportistas da Irlanda não esconderam a sua admiração pelo nosso grupo, que teve uma primeira parte maravilhosa de rapidez e remate.

Assistimos em Dublin ao banquete, por amável convite do seleccionador nacional Tavares da Silva. E eis o que ouvimos dizer, nos seus discursos, a algumas figuras desportivas do Eire:

Ministro da Defesa da Irlanda. — «A vitória do «team» português contra a Irlanda foi bem merecida. Os portugueses mostraram-se mais rápidos com a bola e fizeram valer as suas oportunidades. A sua defesa foi excelente e os jogadores jogaram com perfeita união. O «team» irlandês resentiu-se da falta de algumas dessas qualidades, mas, não obstante, obrigar os visitantes a empregarem-se a fundo para alcançarem a sua vitória. Boa sorte, Portugal!»

W. Gorman. — O defeso-direito de Irlanda é considerado o melhor jogador em campo dos irlandeses: — «O jogo que hoje fizemos contra Portugal foi disputado em boas condições, e durante a primeira meia hora do desfecho o «team» português rematou como «dinamite». Durante esse tempo, os portugueses marcaram dois «goals», e por mais que a Irlanda, depois, tentasse igualar o resultado, os portugueses terminaram o jogo como dignos vencedores. Só me resta desejar-lhes que tenham êxito no seu próximo desafio. Os jogadores que, na minha opinião, mais se destacaram foram: os dois interiores, o médio-centro e o grande guarda-redes Azevedo.»

J. P. Rooney. — Cronista do jornal «Irish Times», Dublin: — «Há mais de 52 anos que sou «cronista desportivo», especializado em futebol. Tenho visto durante todo este tempo jogar os melhores «teams» ingleses, escoceses e galeses; mas nunca, até hoje, como na primeira parte deste desafio, vi um «team» jogar futebol ao nível do praticado pelo «team» português que nos visitou. A vossa ponta direita fez-me lembrar a grande estrela do Aston Villa — Ather Smith — de umas décadas atrás.»

Tesoureiro Honorário da A. de Futebol da Irlanda — Mr. K. Keny. — «Felicito o «team» de Portugal pelo êxito obtido. É um conjunto esplêndido, que trabalha a bola com rapidez. O guarda-redes é um dos melhores que eu tenho visto durante a minha experiência de mais de 20 anos de futebol. Per-

demo oportunidades, mas curvamo-nos perante um «team» mais forte. Estamos esperanças de que nos queiram novamente em Lisboa no próximo ano. Adoro Lisboa e o seu povo. Boa sorte.»

Presidente da A. de Futebol da Irlanda — S. R. Peole. — «Antes de mais nada desejo felicitar Portugal pela vitória hoje obtida. No futebol, o que contam são «goals»; e os jogadores portugueses valeram-se bem das oportunidades e marcaram dois. O «team» português dominou durante os primeiros vinte minutos do jogo, marcando esplêndidos «goals» à primeira parte.

A segunda parte, o «team» irlandês perdeu um «penalty» e outras oportunidades de marcar, mas o defeso português merece todo o crédito em ter resistido a um tão forte «tacle». O «equipa-redes» português é esplêndido. Antegozamos com prazer a realização do próximo jogo entre os nossos dois países, na esperança de que devemos alcançar a nossa primeira vitória. Boa sorte a Portugal.»

Os festivais do Algés e do Nacional de Natação

O Sport Algés e Dejundo tem em projecto uma digressão de propagação pelo Norte do país, com visita a várias localidades onde existem piscinas ou locais próprios para a prática da natação — iniciativa a todos os títulos louvável, que se por um lado consiliu um ótimo meio de propagação da modalidade, por outro represento, sem dúvida, um estímulo precioso para os nadadores mais jovens.

E para seleccionar os elementos que hão-de consiliu a equipa, promoverá uma série de provas para nadadores de todas as categorias — as primeiras das quais se realizaram no último domingo — estando as restantes marcadas para os dias 1 de Junho, 13 e 27 de Julho e 3 de Agosto.

O festival de domingo — a despeito da manhã pouco agradável — deixou excelente impressão, quer pelo número de concorrentes às 15 provas do programa, quer

por alguns dos resultados técnicos obtidos.

Manuel Murta Barbeiro esteve em evidência entre os «infilantes», averbando duas excelentes vitórias. 33 metros-costas (27,6 s.) e 100 metros-livres (1 m. 26,8 s.). Ezequiel das Neves — outro «infilante» que começa a evidenciar-se — depois de se classificar segundo, nas provas atrás referidas, venceu bem os 66 metros-bruços (1 m. 5,9 s.).

Os «principiantes» também disputavam três provas. E de entre elas, salientemos, em primeiro lugar, o excelente percurso realizado por Luís Ricardo Sebastião nos 100 metros-bruços, não tanto pelo «tempo» obtido — 1 m. 33,9 s. — mas sobretudo pelo «estilo» e possibilidades evidenciadas. Luís Sebastião mostra reais faculdades para o «bruços» clássico.

Guilherme Patrón correu os 200 metros-livres sem quaisquer preocupações — mas em ótimo «estilo». Deslizando admiravelmente. Mesmo assim, obteve 2 m. 38,1 s. Além dele, Jaime Moniz (2 m. 53 s.) e Manuel Ricciardi (2 m. 57 s.) animaram a corrida.

João Franco do Vale, foi ele, nos 66 metros-costas (51,7 s.). A luta trevou-se, emotiva, entre Jaime Moniz e Manuel Rodrigues, como as próprias marcas denunciam: 1 m. 3,4 s. e 1 m. 3,5 s., respectivamente.

Um dos melhores — talvez, mesmo, o melhor resultado de jornada — o de João Dias Faria Bichinho nos 200 metros-bruços, iniciados: 3 m. 26,6 s. «Tempo» deveras prometedor, demonstra as reais faculdades deste jovem elemento do S. A. D. Eduardo Murta Barbeiro chamou a si as outras duas corridas de iniciados, com dois resultados excelentes: 33 metros-livres — 20,8 s. — e 100 metros-costas — 1 m. 24,5 s.

As honras do jornada foram, pois, para os nadadores mais novos — a melhor garantia da natação de amanhã.

De consagrados pouco há a dizer. Que Pereira Bastos — que, aliás, não é um «sprinter» — venceu bem os 33 metros-livres (20 s.); que triunfou, à vontade, nos 200 metros-costas, (2 m. 58,9 s.); e que António Marins Xeiro venceu sobre a meta os 66 metros-bruços (57,6 s.), batendo assim Adriano Rodrigues (58 s.).

Um grupo gentil de sereias emprestou ao festival a nota sempre agradável e imprescindível da graça feminina. Maria Luísa Melheiro, Maria Luísa Araújo, Fernanda Cunha, Eirilla Gil, Mario de Lourdes Teixeira Mendes distinguiram-se como habitualmente.

TOUROS

A corrida do Campo Pequeno

A corrida do passado domingo quase encheu o Campo Pequeno, mas o vento prejudicou-a, sobretudo na 2.ª parte, a cargo dos «diestros» espanhóis.

Simão da Veiga deu alternativa a Manuel Conde, que foi feliz e mereceu aplausos, como o padrinho, que também foi aplaudido, menos que nas tardes anteriores por culpa dos touros, alguns do Silva Vitorino, porque se inutilizaram outros de Cláudio Moreira, que na 2.ª parte apresentou uma corrida a acusar as melhoras da vacada que da Galiana veio para Monforte quase numa decadência, de que começa a sair pelo esforço do ganadero actual.

O 5.º, 1.º de lide ordinária, negro e bonito, foi saudado à verónica por Morenito de Talavera, que cravou tres pares ao quarto e um ao «queibro». Bem ajudado por Iglésias, «muletão» por baixo, prejudicado pelo vento. Palmas de compreensão.

6.º Luis Miguel Dominguin recebeu-o com um «queibre de rodillas», e depois por «faroles», intervindo «Morenito» e Parrita por «Verónicas». Luis Miguel «queibra» tres pares e um ao estilo da «faca-terera».

Com a «muleta» começa sentado no estribo, depois por baixo, em redondo, «Manoletinas» e «Molinetes de rodillas».

Ovação e volta ao redondo.

7.º «Parrita» lanceia à «Verónica», seguido de «Morenito» e Luis Miguel, todos prejudicados pelo vento. «Parrita» usa da «muleta» por baixo, mas o touro não dobra. Continua parado e perto. Lutando com o vento, prolonga-se, os peões intervieram sem melhor resultado.

8.º Saigado, mais pequeno. «Morenito» toureia à «Verónica», depois Luis Miguel e «Parrita». «Morenito» bandarilha ao «queibro» e «muleta» com inteligência, por alto e por «Manoletinas». Agarra as hastes e fica de joelhos, e assim continua entre ovações, dando no final a volta à arena.

9.º Negro, grande. Com a capa não pôde vencer o vento Luis Miguel que depois bandarilha. Brinda ao público e começa de joelhos. Depois por ajudados, abraçando o touro pelos lombos, tocando o focinho e as hastes e entusiasmado o respeitável. Ovação, volta e chamada.

10.º O vento continua prejudicando, mas «Parrita» usa da «muleta» por naturais e «Manoletinas», olhando o público, e faz-se aplaudir.

E assim terminou a corrida que Manuel dos Santos apressou como convinha mas que o vento prejudicou, em toda a tarde, ventosa, desagradável.

Rogério Perez

Abreu Torres

LISBOA venceu MADRID João Rebelo, do Benfica

em duelo empolgante

Tal como esperávamos, tal como antecipadamente havíamos informado com carácter oficial, o atletismo português saiu prestigiado da sua visita a Madrid e, embora com dificuldades, os representantes lisboetas trouxeram para o seu país uma brilhante vitória internacional; e, o que muito mais importa, alguns dos atletas mostraram pelos seus resultados uma forma apurada, que não era de costume em época tão incipiente da temporada de pista e nos autoriza a pressupor excelente comportamento lá mais para diante.

Estão neste caso os 7 m. de Álvaro Dias, os 10,9 s. de Morais, os 12,97 m. de Pinto Basto, os 15,8 s. de Fernando Ferreira, os 51,3 s. de Artur Dias, os 2 m. 3,9 s. de Canhão, as marcas de Matos Fernandes e dos lançadores do disco.

Comprovou-se em absoluto a acertada combinação deste encontro e, agora, toda a crítica irá tecer loas, mesmo aquele sector que, nos prelúdios, se afirmara discordante. A experiência resultou favorável e dela recolhemos o benefício, para futuro, de maior espírito de iniciativa e mais firme propósito de intensificar, em tempo activo, a preparação dos nossos homens.

Ao traçar estes comentários, possuímos apenas, como elementos de apreciação, o conhecimento dos resultados e uma breve comunicação telefónica; mas, do exame dos primeiros, verifica-se que todos os elementos jovens e inexperientes incluídos na equipa deram rendimento bastante inferior ao habitual e, da segunda, que todos os seleccionados empenharam na luta o máximo entusiasmo e man-

tiveram sempre, desde a abalada, o apuro de desportistas disciplinados e cônscios da sua responsabilidade.

Os dois pontos que deram a vitória aos portugueses foram, como costuma dizer-se, arrancados a ferros e, contra a norma, provieram desta vez dos concorrentes: nas corridas, a pontuação foi de 26-37 e nos concursos 29-15.

Ambas as equipas se apresentaram desfalecidas, pelo que a decisão se pode considerar exacta; se os espanhóis estavam privados de Torres e Lara, faltavam-nos Paquete e em forma, Matos Fernandes nos 400 metros, Bastos, Cardoso, Vicente.

O adversário que mais se destacou foi o corredor Macias, que, depois de ganhar os 800 m. se classificou em segundo nos 3.000 metros. O comportamento dos nossos representantes nesta última prova surpreende um tanto e deixa supor que não houve, da sua parte, o conveniente acordo táctico, o que não pode admirar por tratar-se de dois especialistas jovens para semelhantes andanças.

Branco e Araújo valem, ambos, menos de 9 m. 10 s., pelo que surpreende vê-los relegados para os últimos lugares e com tempos muito superiores; consequência, por certo, da falta da noção de andamento, que nas provas de meio fundo é condição essencial, mas que só se adquire com a experiência.

Guardaremos para a semana mais preciso comentário; por hoje, aplaudamos, calorosamente, atletas e dirigentes. Prestaram, todos, bom serviço ao atletismo nacional.

Solazar Correia

CAMPEONATO DA 2.ª DIVISÃO

Oliveirense e Lusitano

ganharam os últimos jogos

Voltamos a empates: Os grupos da fase final do campeonato da 2.ª Divisão começaram apenas a separar-se com «goal-averagem». O que poderá suceder? Só nas próximas jornadas se esclarecerá o caso com a «saida» de duas equipas participantes.

Por agora, o Sporting de Braga parece mais bem classificado. Mas o Lusitano de Vila Real disputar-lhe-á também a honra de ser campeão.

Nos jogos de domingo, o Oliveirense ganhou em casa ao Onze Unidos, por 3-1. O Lusitano, no seu campo, apenas conseguiu 1-0 contra os bragaesenses. Por aqui se vê que a luta promete ser ainda renhida, pelo menos no que respeita aos dois primeiros: Sporting de Braga e Lusitano. Mas o Oli-

veirense pode jogar a sua cartada, parecendo o Onze Unidos de Montijo, a despeito de muito valoroso, o menos apetrechado para subir, no actual momento.

A equipa, entretanto, em Oliveira de Azeméis, não deixou de dar réplica condigna ao grupo da casa, que fez 2-0 na 1.ª parte e consentiu 1-1 na segunda.

Em Vila Real, os minhotos fizeram a vida um pouco dura ao Lusitano. Os algarvios apenas marcaram perto do fim e, antes disso, tiveram de suportar algumas cargas perigosas do adversário.

Não tem faltado emoção ao campeonato. Ainda bem. Os 4 grupos alinharam no último domingo do seguinte modo:

Lusitano — Izaurindo; Mortágua e David; Caldeira, Madeira e

campeão nacional de independentes

A melhor prova dos últimos tempos

O campeão nacional, disputado no último domingo, foi uma bela prova. A melhor prova, quanto a nós, dos últimos tempos.

Os corredores bateram-se com extrema energia, todos até o limite das suas forças, para a conquista do título. Consagrados e novos deram a mesma contribuição valiosa para o brilho extraordinário da prova, que despertou em Lisboa o maior entusiasmo. No Campo 28 de Maio juntaram-se milhares de pessoas, dificultando um tanto o trabalho do júri, já que os acompanhantes dos carros de apoio não respeitaram as indicações da autoridade e seguiram os ciclistas até à meta, o que podia ter dado origem a desastres, tão densa era a multidão e tão despreocupado o seu entusiasmo.

No percurso de 208 quilómetros — alguns carros acusaram 214, 210, 205, 200... — a luta foi na verdade emotiva, plena de vigor, de esforço, de beleza atlética. O andamento manteve-se sempre veloz, mesmo contra o vento forte, de face, no primeiro metade. Guilherme Jacinto chegou às Caldas em 2 h. 53 m. João Rebelo ganhou o campeonato em 6 h. 10 m. 6 s., à média de 33,675. Média boa, atendendo à violência do vento entre Lisboa e Caldas e às dificuldades criadas agora aos corredores com a variante do trajecto pelo Gradil. Aquela subida a meio do percurso entre o Gradil e Mafra é de respeito...

A corrida foi recheada de fases emocionantes.

Em Alenquer João Rebelo jurou e foi obrigado a uma perseguição magnífica de alguns quilómetros, só recolando no Cercal. Pouco depois Guilherme Jacinto fugiu, circunstância que havia de provocar o melhor pedaço da prova. Nas Caldas tinha 1 m. 15 s. — perdeu 30 s. enganando-se e metendo à estrada da Foz do Arelho, apesar de avisado por um director da F. P. C. — e durante mais de cinquenta quilómetros manteve-se isolado, não obstante a perseguição dos «leões» e portuenses.

Em Torres Vedras o seu avanço era de um minuto exacto. Perto desta vila José Martins pariu a bicicleta e os portuenses Moreira e Dias Santos jogaram um golpe oport-

uno. Guilherme Jacinto foi alcançado e desistiu. A frente ficaram só Dias Santos e Império Santos. O pelotão desmantelou-se por completo.

Os dois fugitivos entraram no desvio do Gradil com o minuto de avanço. Subiram bem, mas do segundo grupo haviam saído Lourenço, Rocha, Rebelo e Cardoso, que, lançados numa bellissima perseguição, das «coisas melhores» de uma prova fértil em «coisas boas», alcançaram Império e Dias Santos em Mafra. Dias Santos abandonou. Tinha atingido o limite da resistência...

Após a recolagem, a marcha abrandou por momentos. Mas à saída da Malveira a luta recomeçou. Cardoso e Rocha cederam e o primeiro, derrapando no areia da estrada, caiu e desistiu. Rocha recolou ainda aos três homens da frente: Lourenço, um sportingista, Império e Rebelo, dois benfiquistas. Um salto de corrente voltou a atrair o pequeno Rocha. E na luta contra os benfiquistas, João Lourenço foi dominado, já perto de Carriche.

Até à meta Império e Rebelo bateram-se com energia, procurando o título com alma. A cinquenta metros da meta vinham a par. Mas Império não pôde resistir ao último e derradeira ataque do seu compatriota. E assim conquistou João Rebelo o título de campeão nacional, com brilhantismo, numa demonstração de possibilidades recuperadas já e valorizada a vitória pela forma como teve de lutar, pela perseguição que fez, isolado muitos quilómetros em condições difíceis — de frente para o vento e sem poder regressar-se, e pela enérgica resistência oferecida por Lourenço e Rocha, ambos valorosos.

A classificação dos quatro primeiros, entre os quais se decidiu o título, foi:

1.º João Rebelo, Benfica, 6 h. 10 m. 6 s.; 2.º Império Santos, Benfica, m. l.; 3.º Manuel Rocha, Sporting, 6 h. 11 m. 9 s.; 4.º João Lourenço, Sporting, 6 h. 11 m. 58 s.

Entraram ainda: Aristides Martins, Fernando Moreira e Joaquim Costa.

E de toda a justiça salientar a atitude de Moreira. Veio disputar a prova sem a devida preparação, visto estar no serviço militar, e embora sem possibilidades, a certa altura, de defender o título, manteve-se até final. Procedem assim os bons desportistas.

Manuel Mota

Maria Alice Marques Pendão

Faleceu há dias esta jovem senhora, 22 anos que foram interrompidos por uma doença grave. Era prima muito dedicada da nossa camarada de trabalho D. Berta Sales, a quem Stadium apresenta sinceras condolências.

Campeonato do Mundo de Oquei em Patins



Os desportistas portugueses souberam avaliar a importância dos grandes encontros de oquei em patins. Trata-se do campeonato da Europa. Também do campeonato do Mundo! Poderá a nossa equipa fazer boa figura? Ora porque não! Os portugueses, já o demonstraram em vários torneios, são capazes de surpreender as mais fortes equipas.

A importância dos campeonatos em curso levou a "Stadium" a publicar uma reportagem digna dos encontros disputados. O leitor pode acompanhá-la e tirar as suas conclusões sobre o que tem sido os jogos do Pavilhão do Parque Eduardo VII. Depois da apresentação das equipas ao público, em cima, à esquerda, vêem-se duas fases do jogo Espanha-Suiça; a seguir, dois aspectos do Inglaterra-França; o encontro Portugal-Bélgica está retratado nas duas últimas gravuras da direita, como nas duas últimas da esquerda o Portugal-Espanha, jogado grande emoção.

LISBOA VENCEU MADRID em ATLETISMO



Lisboa obteve magnífica vitória, em atletismo. Ganhou a Madrid na própria capital da Espanha. A despeito de faltos de preparação, por ser ainda cedo, os nossos atletas tiveram comportamento brioso.

- 1 — Os seleccionados de Lisboa, antes do inicio das provas.
- 2 — Um aspecto dos 110 metros barreiras em que Fernando Ferreira triunfou.
- 3 — Os capitães das seleções portuguesa e espanhola trocam galhardetes.
- 4 — A chegada dos 800 metros, ganhos por Maclas.

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII — Os 10.000 metros e as provas de fundo



Em 1909, era assim o apoio em estrada aos corredores: o médico ausculta, enquanto o automobilista dá de beber a um concorrente

(Continuação)

1927 foi a época máxima de António de Almeida. No Regional, disputado em 2 de Junho, conseguiu o seu mínimo a 32 m. 23,8 s., tempo que era então dos melhores portugueses e perdeu-o durante dezollos anos na tabela dos nossos recordes.

No ano imediato organizou-se, no Norte, uma prova em estrada, no percurso Porto-Espinho (18 Km.), na qual o corredor do C. S. Nun'Alvares, Manuel da Silva Pinto, venceu em 1 h. 6 m. 30 s., tempo muito apreciável se a distância anunciada corresponde à verdade.

O mesmo homem venceu o campeonato local em 36 m. 46 s., recorde português, ao passo que Almeida foi campeão de Lisboa em 33 m. 18,6 s., batendo João Miguel por 60 metros, e de Portugal em 33 m. 14,4 s., seguido por Cecílio Costa em 35 m. 5 s.

Os campeões de 1929 foram exactamente os mesmos, com os seguintes tempos: Silva Pinto, 37 m. 17,6 s.; Almeida, 33 m. 8,8 s. e 34 m. 4,6 s. A notar, no Regional de Lisboa, a primeira tentativa de Manuel Dias nas duas léguas, alcançando o segundo lugar em 33 m. 55 s., primeira indicação das suas possibilidades em longas distâncias, mais tarde tão brilhantemente confirmada.

Neste temporada, organizou «Os Sports» o seu primeiro concurso, em cujo programa incluiu uma corrida de meia hora para tentativa de melhoramento do velho tempo de lézaro.

António de Almeida, que ingressou já na equipa do Sporting, foi preparado por nós especialmente para a prova, estabelecendo-se-lhe um horário de marcha que tomava para base a distância de 8.750 m. por os trinta minutos. O cálculo não saiu muito errado, pois Almeida

percorreu mais 89 m. do que o previsto e elevando o recorde para 8.839, m. 25.

A tabela de marcha previa colorze voltas ao campo do Estádio (8.365 m.) em 28 m. 43 s., deixando 1 m. 17 s. para os 385 metros finais; António de Almeida ganhou 14 s. sobre o horário fixado, o que lhe permitiu correr mais os metros atrás indicados.

Pela curiosidade que possa representar e pelos ensinamentos que demonstra o exacto conhecimento do corredor pela pessoa encarregada de o preparar, diremos que a vantagem de Almeida foi obtida nas cinco primeiras voltas (1745 m.), que percorreu em menos 17 s. do que o calculado. Nas dez seguintes perdeu 1 s. deste avengo e nas nove últimas 2 segundos mais. Passou aos 3.000 m. em 9 m. 27 s. (base calculada, 9 m. 39 s.), aos 5.000 m. em 16 m. 47 s. (base, 17 m.) e aos 7.000 m. em 23 m. 35 s. (base, 23 m. 45 s.).

Os outros participantes terminaram longe; Adelino Tavares percorreu 8.517, m. 15 e Armando Silva, 8.481, m. 40.

Resumamos os anos seguintes, cuja actividade se limitou ao mínimo regulamentar: no Porto, Fernando Santos em 1930 (38 m. 8,2 s.) e Mário José, lisboeta emigrado, em 1.931 (36 m. 11,6 s.); em Lisboa, António de Almeida, nos regionais, em 35 m. 7,8 s. e 34 m. 32 s., nos nacionais em 33 m. 54,8 s. e 34 m. 23 s., deixando sempre o adversário imediato e mais de uma volta.

Em 1.932 houve apenas de assinalar o erro dos juizes no campeonato de Lisboa, reduzindo de uma volta o percurso de prova, que se reallizou no antigo campo do Sporting, onde hoje está instalado o Benfica.

As duas léguas tiveram assim 9.707, m. 20 e o vencedor, Manuel Dias gastou 33 m. 4 s. a percorrê-las,

As últimas provas de Maíra

José Carvalhosa venceu o "Grande Prémio"

Que o Concurso Hípico de Maíra possua um conjunto de atractivos e impô-lo é um facto indiscutível. Para tal muito contribui a sua magnífica organização, de que pode e deve orgulhar-se o Depósito de Remonta.

Pena foi que o tempo chuvoso lhe roubasse este ano, nos primeiros dias, algum brilhantismo, afastando o público menos entusiasta e aborrecendo os concorrentes que tiveram no mau estado do terreno, encharcado pela chuva, uma dificuldade grande a vencer e a prejudicar os seus percursos. Os cavalos escurriam com facilidade e, sem se «arranarem», entravam por vezes de peito contra os obstáculos.

Se excluímos o «Grande Prémio», no qual a altura máxima subia a 1,50 m., não houve provas difíceis em demasia. Nesta, sim. O percurso estava duro, forte, a justificar o seu título e a sua importância. Era uma competição em que os «ases» tinham probabilidades de brilhar e onde dificilmente triunfariam os cavalos de menores possibilidades. O público acompanha com interesse o desenrolar da prova e a luta para a posse do 1.º lugar, ao não se tratar de um «Grande Prémio».

Apreciaram-se magníficos percursos. Basta que se diga que dos dez premiados, houve quatro que terminaram sem faltas; um com meio ponto e cinco com quatro pontos (1 só derrube)

seguido por Adelino Tavares em 33 m. 9,25.

O velho Almeida alcançou no Nacional a sua última vitória oficial, em 33 m. 37 s., precedendo dois portugueses, Mário José e Fernando Santos, que terminaram longe e haviam sido, no torneio regional norteño, respectivamente primeiro em 34 m. 16,4 s. (novo recorde do Porto) e segundo.

Foram estes três os únicos concorrentes à competição federaliva, que se celebrou no Porto; Almeida correu a primeira légua em 16 m. 16 s. e aos sete quilómetros linha alcançou uma volta de vantagem ao campeão português.

Na época de 1933, Manuel Dias conservou o seu título de campeão de Lisboa, batendo, em 33 m. 44 s., Adelino Tavares e António de Almeida.

O vencedor, no Porto, foi Joaquim Quintas, do Nun'Alvares, em 37 m. 14,8 s. e na prova nacional o «vencedor de jornais» Adelino Tavares desforrou-se, vencendo Dias em 33 m. 50 s.; dirigiu toda a prova, resistiu à tentativa de fuga do adversário ao iniciar-se o última volta e passou-o depois na embolagem de recta final.

Salazar Correia

(Continua)

Entre os consagrados figuraram na classificação «Squelos», com José Beltrão; «Doçora», com Duarte Silva, e «Segar», com Miranda Dias, que obtiveram o 3.º, 8.º e 9.º lugares, misturando-se com «animais» de nome já feito e de valor comprovado.

A grande luta travou-se, como se esperava, entre os cavalos da equipa nacional. Era inevitável. O «Tete», com José Carvalhosa, bateu desta vez o «Raso», que Correia Barreto conduzia, não lhe permitindo a proeza de 1944 e de 1946. Qualquer deles se apresentou em grande forma, fazendo alarde das suas possibilidades.

Foram no entanto bem acompanhados por «Optas», com Hélder Martins (4.º); «Tab'aka», com António Spínola (5.º); «Zuerl» com José Carvalhosa (classificado em 6.º, mas que se não desse um toque ganharia a prova); «Goza» e «Abranhos», ambos com Henrique Calado, classificados em 7.º e 10.º lugares.

Antes do «Grande Prémio» disputou-se uma prova para cavalos sem «handicap», na qual o triunfo pertenceu a «Phoebus», com Herculano Moira, seguido de «Ambriz» e «Joalheiros», conduzidos por Craveiro Lopes e Barros e Cunha. A competição também teve interesse.

O programa do último dia é sempre bastante apertado. De manhã, a «Caça»; à tarde, a «Despedida» e a «Taça de Honra». E' um dia inteiro de provas que, pelo seu interesse, não cansam e que pela sua diversidade, entusiasman, principalmente a última, apesar de não ser em «barraças».

Na «Caça» assistia-se a uma bonita vitória de «Abranhos», conduzido por Henrique Calado, depois de desempate com «Ebro», que o marçães do Funchal conduzia, «Alcon» com Correia Barreto foi o 3.º da classificação.

Na «Despedida» há que salientar a boa prova do «Congo» e «Ribama», muito bem conduzidos por Guedes de Campos, que arrancaram os dois primeiros lugares, seguidos de «Grandiana», com Lemos do Silveira.

Na «Taça de Honra», disputada em duas voltas, «Optas» com Hélder Martins obtve dois percursos limpos num bom tempo, ganhando com justiça o 1.º prémio. De assinalar dois bons percursos sem faltas de «Squelos», montado por José Beltrão, e um «limpo» e outro com um derrube de «Alcon», com Correia Barreto, que por esta ordem se colocaram ao lado do vencedor.

Assim termina o Concurso de Maíra, no qual há que pôr em relevo a actuação dos componentes da equipa nacional, que ganharam seis das nove provas disputadas.

Antes Teixeira

A propósito do II Portugal-Espanha

Confrontos indirectos

O resultado do encontro que os futebolistas portugueses foram disputar a Dublin, era esperado com grande interesse nos meios desportivos do país vizinho.

A Irlanda era, havia um ano, elemento de confronto indirecto entre os valores do futebol nos países ibéricos, um tanto arreliador para os nossos caros vizinhos — que negavam validade a essas comparações por intermédio do terceiro, mas, apesar de tudo, lhes sentiam a irresistível lentidão.

A Irlanda fora batida em Lisboa e venceu em Madrid; no princípio da temporada foram os espanhóis, ricos de esperanças, até Dublin e regressaram derrotados mas contentes, anunciando a imprensa que se assistira ao ressurgimento das velhas tradições futebolísticas nacionais.

Jogando no mesmo terreno e no mesmo ambiente estranho, contra adversário idêntico, a equipa de Portugal agia agora em condições tão semelhantes que o paralelo entre os resultados não poderia deixar de fazer-se no espírito das gentes.

Nesta série de factores de confronto indirecto, a verdade é que, mais uma vez, o futebol português levou a palma ao futebol dos vizinhos do lado e, sem quererem confessá-lo, eles mesmo o sentiram. Analisem os nossos

Benefício ou desvantagem?

A realização do encontro entre as seleções de atletismo de Madrid e de Lisboa, a que noutro lugar nos referimos, foi por o «Mundo Desportivo» considerada inoportuna, por estar muito em começo a temporada e, consequentemente, em forma escassa os melhores elementos portugueses.

Parece-nos a argumentação, embora baseada em factos reais, pouco consistente se a considerarmos relativamente aos interesses do atletismo nacional.

O nosso atleta consagrado é, regra geral, refinado no treino; inicia a sua preparação tarde e devagar, tendo em vista apenas as provas do campeonato, que são — com justificados e insistentes reparos de toda a crítica — as únicas competições da temporada para os concorrentes seniores. Por diversas formas se tem diligenciado estimular o seu interesse, mas em vão; as provas a eles destinadas e incluídas nos programas dos torneios das categorias inferiores, falharam sempre por abstenção dos possíveis participantes.

O remédio devia ser outro, mais eficaz.

Quando surgiu, há algumas semanas, o convite da Federação Castellhana, por intermédio do grande e inteligente desportista que é o dr. José Pelinto, seu actual presidente, foi normalmente bem acolhido pelos dirigentes lisboetas, apoiados pelo lógico acordo da Direcção Geral dos Desportos: era o estimulante procurado, porque não devemos esquecer — para o julgar no seu verdadeiro significado — que o encontro fica com carácter anual.

A responsabilidade do match não é a que se lhe pretende atribuir, pois não se trata de encontro internacional, mas sim apenas entre seleções regionais; os inconvenientes que se apontam à sua precocidade, tanto se aplicam aos atletas portugueses como aos espanhóis. O tempo é idêntico para uns e outros; só pode haver diferença na forma de o aproveitar e se os nossos o fazem mal, é exactamente contra esse erro que se procura reagir.

Toda a gente sabe que, para alcançar o máximo rendimento das suas faculdades, um atleta necessita de treinar durante onze meses no ano. Com dois ou três escassos meses de trabalho, antes do início da actividade oficial, reduzida a dois concursos anuais, atinge-se valor para satisfazer as obrigações internas, mas nada mais.

Este Lisboa-Madrid, em princípios de temporada, vai trazer aos nossos atletas um objectivo de interesse, para cujo alcance antecederá a época habitual do começo do seu trabalho em pista. Esperemos pelos resultados.

Com o encontro Portugal-Espanha, disputado, na última quarta-feira, em Madrid, o nosso país recomeçou a sua actividade no campo internacional. O facto de termos perdido esse jogo nada quer dizer, quanto ao real valor dos nossos jogadores, em relação aos nossos vizinhos, porquanto ficou bem demonstrado — e isso é que interessa — que poderemos enfrentá-los, em quaisquer circunstâncias, sem receio de sermos diminuídos da contenda. É certo que não podemos vangloriar-nos de um triunfo, que seria imensamente benéfico para o basquetebol nacional, mas resta-nos a consolidação de que, em terra estranha, o nosso representante esteve entregue a quem soube honrá-lo com brio, dignidade e entusiasmo.

Tinhamos poucos elementos de referência sobre o que seríamos capazes de fazer, em confronto com outros centros. Já sabemos que o trabalho de muitos anos, realizado por nós e para nós, deu os seus frutos, aproximando-nos da clareira internacional.

Brevemente, teremos os brasileiros em Lisboa. Outra incógnita, mais grave, mais fechada do que aquela que agora resolvemos. Sejam quais forem os resultados que obtivermos, não devemos desanimar. A grande prova foi prestada em Madrid e nessa alcançamos uma aprova-

ção incontestável. Por isso, não nos preocupemos com pormenores... Se a substituição de A ou de B foi feita a tempo ou se o jogador X deveria ter ficado por cá... Tudo isso é secundário e interessa, apenas, para fazermos a história do jogo. Para além desses incidentes, fica o basquetebol, que todos desejamos ver progredir e prestigiar-se. E, como são, precisamente, esse progresso e esse prestígio que nós sabemos terem sido defendidos e comprovados, na recente deslocação a Espanha, parece-nos que devemos tratar de lhes dar continuidade, em vez de estormos a queimar tempo e energias em discussões e justificações que resultarão estéreis e de efeitos práticos muitos duvidosos ou reduzidos.

Lancemo-nos para a frente com a vontade e o entusiasmo de sempre, mas também com a convicção de que o nosso esforço não será inglório e a nossa persistência será premiada com a indubitável certeza do constante, e cada vez mais acentuada, valorização do basquetebol nacional.

O II Portugal-Espanha foi a primeira etapa da nossa longa jornada. Outros se seguirão e para eles teremos que prepararmos conscientemente — com ardor e com absoluta confiança no êxito da nossa empresa.

Monteiro Poças

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

leitores, para exemplo, este sintomático comentário que extraímos da crónica do diário Marca:

«A equipa apresentou-se completa em Dublin, com Azevedo nas redas, o qual veio a ser o herói da jornada e a base do triunfo, impedindo, com as suas magníficas intervenções, que os adversários conseguissem marcar. Outros dois factores que contribuíram para a vitória lusitana foram: a equipa irlandesa teve que jogar sem os seus titulares Mac Gee e Martin — que brilharam contra a Espanha — por estarem lesionados; e também a circunstância de haverem desfrutado de um esplendoroso dia de sol, com terreno seco e não encharcado, como quando os espanhóis jogaram em Dublin, e que tanto os prejudicou».

Querem confissão mais clara? Estas palavras encerram evidentemente... de desculpas directas para confrontos indirectos.

VOLEIBOL

A época triunfal

O voleibol, a modalidade portuguesa dos 25.000 praticantes, conseguiu finalmente alcançar, na época que decorre, a prestigiosa consagração da importância do lugar que ocupa na actividade desportiva nacional.

No congresso internacional de Paris, os delegados portugueses alcançaram para o país uma posição de destaque na nova Federação, prémio do incremento do que o patrocínio oficial imprimiu ao voleibol e testemunho do alto conceito em que Portugal é tido no estrangeiro. Pela primeira vez nos foi conferido um lugar no conselho director de um alto organismo desportivo internacional.

Mercê do auxílio da Câmara Municipal e da Direcção Geral dos Desportos, a selecção lisboeta, durante o período consagrado às Festas da Cidade, defrontará primeiro o grupo representativo do Porto, e, mais adiante, o de Paris.

O Sporting pensa deslocar a França e a Bélgica a sua categoria de honra, e a equipa nacional, se para tanto houvesse recursos, poderia fazer ainda este ano uma larga campanha internacional.

Todas estas manifestações se firmam no progresso da modali-

dade, baseando-se no trabalho de preparação clubista, evidenciado no decurso do campeonato regional, superando, em interesse e classe de jogo, os seus precedentes.

A tradicional superioridade do I. S. Técnico manteve-se, mas chegou a poder considerar-se a sua interrupção, após a vitória obtida pelos sportingistas e a valorosa réplica dos «acelistas». Nos encontros da segunda volta, os «engenheiros» apuraram os cálculos e derrotaram os dois rivais, porém dificilmente; valeu-lhes a maior experiência, a mais firme solidez do bico no aspecto defensivo e o superior talento dos levantadores no passe ao mate. Em resumo, formaram melhor equipa, embora com equilíbrio de valores individuais.

Praticamente apurado o campeonato, teremos que esperar ainda uma semana para conhecer o sub-campeão, também representante de Lisboa no primeiro campeonato nacional, e que sairá do encontro Sporting-Ateneu, salvo qualquer percalço sempre possível, porque os restantes competidores têm mostrado valor que constitui perigo para os melhores.

José de Eça



Boa vitória do **BENFICA**

À esquerda, Correia vóia para uma bola de um modo impressionante. Até os colegas se mostram surpreendidos! A seguir, Baptista antecipa-se ao seu guarda-rede e devolve uma bola de cabeça

Em baixo, nova defesa do alcantarense Correia, ajudado por alguns colegas



O VITÓRIA de Setúbal empatou com o **SPORTING**



Um grande remate de Peyroteo. Mas não chega à rede

Baptista defendeu como grande jogador que é. Vasques não pôde interrom-

O guarda-rede setubalense em acção. Peyroteo, energético, tenta dificultar o seu trabalho

No progresso do futebol português

estão interessados os grupos da 2.^a Divisão

A maneira como está a ser disputada a fase final do campeonato nacional da 2.^a Divisão demonstra-nos claramente o excelente esforço da província. Nada menos de 4 equipas chegaram ao melhor posto da prova, e todas elas provincianas: Sporting Clube de Braga, Oliveirense, Unidos do Montijo e Lusitano de Vila Real de Santo António. Isto é: — Lisboa e Porto não conseguiram levar qualquer dos seus representantes à prova final.

Entretanto, e como pode ver-se pela classificação, o valor das equipas, sensivelmente igual, conduz a supor que existem na província jogadores de excelentes qualidades, jogadores capazes de corresponder mais ainda quando trazidos para o seio de provas mais renhidas.

O futebol português, já valorizado por excelentes jornadas internacionais, necessita de expandir-se em todos os centros, e não nos repugna acreditar na sua melhoria definitiva se todos os grupos trabalharem como o estão fazendo agora os da 2.^a Divisão Nacional.

Do Minho ao Algarve não se pára, colhendo as suas melhores equipas o incentivo próprio, para triunfar com justiça ou deixar de si uma excelente ideia de progresso. E não será justo falar apenas dos 4 grupos que se conservam no torneio.

Todos os demais, mesmo os já eliminados, se distinguiram na prova. O comportamento de todos os concorrentes impressionou as próprias entidades orientadoras do popular desporto, como o público que os acarinhou através de jogos renhidos e tecnicamente agradáveis.

Pode aguardar-se, sem dúvida alguma, que os grupos da 2.^a Divisão Nacional colaborem eficazmente na valorização do futebol português. Já o estão fazendo com motivo para aplausos.



Lusitano Futebol Clube, de Vila Real de Santo António



Associação Naval 1.º de Maio, Figueira da Foz



Amora Futebol Clube (juniores)



Ermezende Futebol Clube



Atlético Clube Egitanense



Grupo Alegria e Desporto de Over

Stadium na Província



Sport Clube Beira Rio Aveirense



Grupo desportivo Salesiano de Magofores



Grupo Desportivo Boavista da Estrada — Arcogelo



Grupo Futebol Desportivo Azambuja



Grupo Desportivo Pombelinho do Ribatejo



Na Madeira praticam as senhoras o voleibol com muito entusiasmo. Assim o comunica à «Stadium» o nosso querido amigo dr. Alvaro Reis Gomes, dedicado influente do desporto. Esta equipa é treinada pelo tenente Nazaré, antigo atleta do Benfica, que se vê no grupo, e representa a Escola Industrial e Comercial de António Augusto de Aguiar. Entre as exhibições notáveis das gentis senhoras conta-se uma por ocasião da visita oficial à Madeira do «H. M. S. Duke Of York», trazendo a bordo o almirante-chefe da «Home Fleet» sir Neville Syfrit



Um «goal» na rede estorilense. Sebastião foi impotente para deter a marcha da bola



Sebastião, no Estoril-Famalicão, estira-se com valentia, para travar a marcha de Pires

ESTORIL, 3 — FAMALICÃO, 2



Um aspecto da corrida, quando ainda não havia fugas ou desistências



Uma passagem na prova de fundo, ciclismo. João Lourenço dirige as operações



João Rebelo é o novo campeão nacional de fundo. Aqui o vemos após a chegada



O Balenenses ganhou o campeonato nacional de futebol. A equipa — junto do seu treinador, Rodolfo. A lado, a selecção de juniores de Lisboa, vencedora em Setúbal



REMO



Realizou-se em Lisboa o «Dia do Principiante» em remo, promovido pela C. P. — Os concorrentes, animaram as provas, batendo-se todos pela vitória com entusiasmo



1 e 2 — As tripulações do G. D. da C. F. que triunfaram nas regatas de «Yolles» de 4 e «Shell» de 8.
3 — A tripulação do Clube Naval que venceu a regata de «Yolles» de 8.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO



A Sr.^a Sheila Summers, de Johnnesburgo, cuja attitude dinâmica se revela neste instantâneo ao executar um *smash* no fundo do *court*, venceu o Torneio de Tênis de Hurlingham. No desfecho final dispôs de Sr.^a Lister, por 6-1 e 6-4, mas não admira, dadas as condições atléticas e plásticas da vencedora, que são potentes.

BOXE

NA EUROPA

Com a participação de 16 países, nomeadamente a Inglaterra, Gales, Escócia, Irlanda, Bélgica, Checoslováquia, Dinamarca, Finlândia, França, Hungria, Itália, Noruega, Holanda, Polónia, Espanha, Suécia e Turquia, principiou o campeonato europeu de pugilismo amador.

O torneio efectua-se em Dublin e reúne 105 concorrentes, distribuídos pelas oito categorias ponderais.

Os ingleses já conseguiram dois representantes nas metas finais. Trata-se de W. Thom (peso médio) e A. Sanderson (levíssimo). Os espanhóis, embora actuando com muito acerto, sofreram quatro derrotas e só Aurélio Diaz (meio-médio) passou às meias finais, derrotando o turco Yargan.

Os italianos também não foram felizes até agora. Os jogadores mais destacados são o checo J. Torma, o francês Escudie (médios) e o sueco Kreuger.

Infância Ara reconquistou o título de campeão de Espanha da categoria «semi-pesados», ven-

NOTA DA SEMANA

No momento em que vêm a lume estas linhas deve ter sido revogado pela Federação Inglesa do Atletismo Amador um princípio tradicional dos seus regulamentos, até aqui considerado intangível.

Discutiu-se no sábado, com grande vigor e cópia de argumentos, a disposição vetusta de que só é amador aquele que pratica o desporto pelo prazer da luta, sem recompensa de qualquer natureza.

Uma corrente ideológica sugere o pagamento dos salários perdidos — conforme já se pratica em vários países europeus e americanos — a outra mantém-se fiel à ideia antiga e não cede um só milímetro na defesa dos seus princípios.

O debate entre as duas escolas anuncia-se agudo, mas julgamos que no fim e ao cabo a doutrina vencedora tem de ser aquela que separa nitidamente os «amadores» dos «profissionais».

A matéria discutiu-se durante os Jogos Europeus, em Oslo, mas apenas se conseguiu aprovar a proposta para um congresso plenário, que tem lugar em Londres, a 9 de Junho próximo.

A attitude da Federação Inglesa — attitude a defender no referido congresso — deve estar já resolvida neste momento.

A ideia de fixar em uma libra, ou o seu equivalente, a indemnização diária a atribuir por cada indivíduo parece, também, que não satisfaz os desejos de muitos «amadores» desbotados.

Neste promenor, os partidários ingleses da remuneração pelos salários perdidos mostram-se intransigentes e nisso têm motivos de sobra.

É caso para indagar se os amadores pretendem ultrapassar os profissionais no capítulo de exigências monetárias. No fundo, uma triste questão.

cendo Vasco Arceñiega, por pontos, em 12 assaltos.

Foi uma vitória brilhante, durante a qual luziu a técnica do pugilista basco e a sua enorme vitalidade, dada a veteranaria do mesmo jogador. No segundo assalto, depois de Arceñiega ter atacado com dureza e haver posto em perigo o seu rival, Ara abriu-lhe uma ferida junto da sobrancelha, depois do que o combate lhe pertenceu.

Em Sheffield, Stan Hawthorne pôs o belga Arthur Van Claire fora de combate ao 4.º round. Ambos pertencem à categoria «semi-médios».

Em Paris produziu-se um combate de sensação entre o titular inglês dos «médios», Dal Hawkins, e o francês Degouve, considerado imediatamente abaixo de Cerdan.

Hawkins esteve quase vencido por *knockout*, mas acabou perdendo por pontos.

Na mesma reunião, Páco Bueno ganhou ao campeão de França dos «pesados» Al. Renet, por fora de combate ao 1.º assalto. A batalha durou apenas 2 minutos e 59 segundos.

NA AMÉRICA

O negro Ray Robinson, campeão do Mundo dos «semi-médios» e um dos pugilistas de maior capacidade actualmente em acção, está-se pre-

TÊNIS

O Campeonato Parisiense da Primavera

O torneio primaveril da cidade de Paris, a que concorreram vários jogadores de ténis americanos e australianos, entre outros de diversos países europeus, teve os seguintes resultados:

Singulares: Budge Patty (E.U.A.) derrotou Destremeau (França), para o campeonato masculino, e a Sr.^a Nelly Landy venceu a romena Magda Rurak, na final feminina.

Pares: o grupo Budge Patty e Geoff Brown (Austrália) ganhou a Marcel Bernard e Pierre Pellizza, enquanto que as Sr.^{as} Landy e Boegner bateram Magda Rurak e Sr.^a Hamelin.

parando para ingressar na categoria superior. Brevemente jogará contra George Abrams, no Madison Square Garden.

Em Detroit, o peso-pesado Lee Q. Murray, aspirante ao título máximo, bateu por pontos o veterano negro Jimmy Bivins.

CICLISMO

A Volta à Espanha

Principiou já esta importante corrida peninsular com 55 corredores, espanhóis e estrangeiros. O percurso estende-se a 3.802 quilómetros, divididos em 24 etapas.

Delio e Emilio Rodriguez foram os vencedores das duas primeiras «tiradas», mas os concorrentes estrangeiros revelaram-se perigosos rivais. A média horária realizada foi de 33,127 km., o que é excelente atendendo à forte ventania contrária que predominou no trajecto.

O holandês Van Vooen, o belga Haemerlyck, Van Dyck e Delega estão classificados nos primeiros lugares, atrás dos irmãos Rodriguez, juntamente com Olmo e Berrendero.

FUTEBOL

NA ESCÓCIA

Os membros da F. I. F. A. — ou seja a Federação Internacional de Futebol Associativo — reuniram-se em Glas-

gow, sob a presidência do sr. Júlio Rimet, para tratar da admissão de alguns países (Canadá, Austrália, Sudão, Pérsia, Nova Zelândia, Coreia, etc.), que solicitaram o seu ingresso na comunidade internacional, e ainda para discutir o próximo Campeonato do Mundo, que se realizará no Rio de Janeiro no ano de 1949.

Assentou-se que ficariam isentos das provas eliminatórias o Brasil, por ser a entidade organizadora, e a Itália, por ter ganho o último campeonato (1934). Os outros têm de disputar entre si os 14 lugares restantes, visto serem apenas dezasseis os países que comparecem no torneio.

O Uruguai, por exemplo, discutirá o assunto com a Argentina, e é lamentável que destes dois países, tão fortes e prestigiosos, um tenha de ficar de fora.

EM INGLATERRA

O resultado do desafio entre a Grã-Bretanha e o Resto da Europa produziu enorme desapontamento. A vitória dos Britânicos por 6-1 pode atribuir-se tanto à heterogeneidade do conjunto adversário, como à desmoralização sofrida depois do *goal* marcado por penalidade máxima, como ainda, e decerto, ao valor do grupo representativo da Grã-Bretanha.

Durante a semana disputaram-se dois jogos: um entre o Bradford e o Manchester City, empatando os dois grupos (1-1), e o outro entre Accrington e York, ganhando o último por 2-1.

O *team* dos amadores ingleses deslocou-se até à Holanda a competir com o grupo representativo deste país. Resultado: venceram os insulanos por 2 bolas a 1.

A Itália vence a Hungria

Em Turim realizou-se este desafio entre húngaros e italianos. Contra o que se esperava, o grupo latino ganhou facilmente por 3-2.

ESTAVA escrito. Os juniores do F. C. do Porto, apesar de sua fé no triunfo, em Aveiro, não puderam classificar-se para a final. A Académica levou a melhor e os portuenses que foram assistir ao jogo regressaram maravilhados com o seu guarda-redes, Prater.

O caso mais interessante: a única bola dos 3 desfejos apareceu por acaso. De facto, linha de suceder mesmo assim: uma jogada fortuita ditaria o vencedor. O guarda-redes portuense teve graves culpas, embora viesse depois o exibir-se bem. Ora, se linha respondido com defesa ao seu alcance, — teríamos terceiro jogo a 0-0! Voltar-se-ia a novo encontro, até que aparecesse o «ta!» desilze vilorioso.

Mas aparece desta vez. Pronto. Houve um vencido e um vencedor... e não se fele mais nisso.

♦ TRÊS jogadores de basquetebol do Vasco da Gama foram chamados à linha nacional: Pima, Abílio e Dias Leite. E ainda um «meno» de Pima, o César, e que no Porto ainda chamem o César do Vasco... embora jogue actualmente em Coimbra.

Devem ter feito boa figura. Os 4 jogadores portuenses, «trapeiros» de gema, pura escola do Sporting Club de Vasco da Gama, possuem admirável valor, e por certo cumpriam como esperava o seleccionador nacional.

♦ AINDA continua a campanha entre um prezado camarada portuense e o órgão de importante clube lisboeta. Pois lamentamo-lo sinceramente. Nem um nem outro valorizam com esse entusiasmo o desporto nacional e o próprio jornalismo.

♦ CICLISTAS portuenses fizeram boa prova nos campeonatos nacionais de amadores seniores e amadores juniores. Ora aqui se prova, aparecem onde quiserem os contraditores, que não é difícil apresentar obra assada quando há vontade de trabalhar e... quando não interrompem o esforço alheio.

A imposição, nas últimas épocas, de Fernando Jorge Moreira, Onofre Tavares, Joaquim Sá, Joaquim Costa, Império dos Santos e Dias das Santos — todos mais ou menos preparados por Aniceto Bruno, — e agora Fernando Moreira de Sá, também seu pupilo, — provam insossivelmente o que escrevemos. É menos cómodo, bem se sabe. Mas é bonito!

♦ FERNANDO MOREIRA, o mais desportivamente que é possível, compareceu a disputar o título de campeão nacional de independentes. Era o titular. Embora prestando exclusivamente serviço no Exército, portanto sem grandes possibilidades, não quis o valoroso ciclista deixar de cumprir com o seu dever.

Éis um exemplo que dignifica Fernando Jorge Moreira perdeu o seu campeonato onde devia: — no estrado.

Fala-se em deserções

Volta a falar-se com muita insistência na saída de alguns jogadores do Porto para Lisboa. Apontam-se desde já 4 nomes: Barrigana e Araújo; Galado e Pacheco. A ser assim, mais uma vez sofre a capital do Norte rade quebra de valor, o que é muito lamentável. Os clubes do Porto, e especialmente o seu campeão, nunca mais puderam recompor-se desde que há anos lhes levaram alguns bons jogadores.

Depois disso, o Porto tem lutado com desesperada vontade, mas resultados práticos, infelizmente, poucos tem obtido. Julga-se que um futebol portuense forte valorizaria extraordinariamente a luta Norte-Sul e o próprio futebol nacional. No entanto, aquelas que pensam de tal maneira são às vezes os primeiros a provocar a transferência dos ases pelo Norte se vão criando.

Além disso, nem o jogador que é do Norte consegue ficar na sua região. Se pede transferência para um clube da terra ou que lhe fique ao pé da porta, já se sabe que é recusada. Mas se pretender sair para outro sector mais distante, já o consegue.

Nós não pretendemos fechar no Porto todos os jogadores. Compreenda-se a nossa atitude.

O que desejamos é um futebol portuense forte, como forte queremos que seja o de Lisboa. Também o de outros centros. Só isso estimulará os clubes e o público, dando ao jogo as qualidades que lhe têm faltado nas últimas épocas.

Lisboa, forte, com vasto campo para conseguir impor-se, não precisa de momento de ir colher os passos dos clubes do Porto. Da capital tem vindo um ou outro jogador (e nos últimos tempos, que nos recorde, apenas um Barrigana em «brutos», dispensado por desnecessário). Os ases lisboetas têm sido respeitadas. Logo, parece-nos justo invocar o rigor da lei das transferências, como a simpatia de quem a julga e dirige superiormente.

O Porto vive em sobressaltos. E vive em sobressaltos porque não pode trabalhar com armas iguais. É pelo menos esta a opinião dominante, dada a série de atrlitos que no fim de todas as épocas tem de suportar e resolver, à custa de muitos sacrifícios e até de desgostos que não merece. Aqui se tem trabalhado muito pelo futebol, pelo desporto em geral, e seria bom que o não esquecessem.

De contrário, será melhor cruzar os braços e gritar:

— Isto é nosso! Queiram escolher...

Na assembleia geral do F. C. do Porto

Efectuou-se nova assembleia geral do F. C. do Porto. É mais uma vez para assuntos que se prendem com a construção do Estádio dos campeões do Norte. A gerência que se pretende afastar, não tem descansado na sua missão de instalar o F. C. P. condignamente. Lutando com abnegação, com sacrificio.

Agora anunciou a conclusão de negociações importantes: um compromisso de compra e venda de terrenos nas Antas — o local primitivamente escolhido.

Os sócios mostram-se interessados e aplaudiram o acto da sua Direcção. E o sr. dr. Angelo Cesar, que é presidente honorário do clube, pediu então ao dr. Cesário Bonito que ficasse no seu posto. A voz do antigo presidente da Direcção, pessoa de prestigio na colectividade, será por certo escutada. Virá, então, na hora própria, a consagração de um trabalho que nem todos deverão ter compreendido.

Muito cuidado!

A Direcção do F. C. do Porto mandou para a imprensa o seguinte comunicado:

«A Direcção do Futebol Clube do Porto, tendo assistido calma e serenamente, em plena tranquillidade de consciência, à campanha de descrédito que um grupo de associados vem desenvolvendo à volta da sua acção, em prejuizo da boa ordem e disciplina indispensáveis em todas as suas actividades; considerando por inoportuno o pedido de realização da Assembleia Geral Extraordinária como moção de menos confiança ao seu trabalho em tão curto período de adaptação administrativa e porque, reitorando-se, entende bem servir o Futebol Clube do Porto na medida em que cesse qualquer divergência de opinião; a seu respeito, comunica por este meio à massa associativa que entregou, neste data, ao Ex.^{mo} Presidente da Assembleia Geral o seu pedido colectivo de demissão, sem prejuizo de apresentação de Contas, anunciada para o próximo dia 30 do corrente».

Tanto quanto nos é permitido, visto tratar-se já de um caso trazido oficialmente para a imprensa, lamentamos que uma gerência, eleito recentemente, tivesse interromper os seus trabalhos. Lamentamos ainda que desses «associados» referidos pela nota possuísse o primeiro clube desta cidade. E mais: — que outros de senso apromorado não tivessem no seu lugar, dispostos a «discutir» e queda numa Comissão Administrativa em altura tão difícil e perigosa...

Nada temos, evidentemente, com as questões internas dos clubes, e cause nos desgosto, e ao bom jornalismo também, a intrusão alheia de elementos que muito contribuem para criar situações falsas e delicadas. Mas o comunicado da Direcção do F. C. do Porto é bem um grito de aborrecido desânimo. E não o merecem elementos que sabemos dedicadíssimos ao clube, que têm trabalhado incansavelmente pelo seu prestigio, embora aqui e ali mal-sucedidos.

A opposição tomou tremenda responsabilidade. Os sócios que contribuíram para tal estado de coisas, talvez tenham de recordar mais tarde esta atitude de descortesia para com elementos de comprovada lealdade e amor clubista. E, entretanto, chamamos para este perigoso desfecho a atenção do sr. António de Oliveira Celeme, prestigiosa figura de desportista e presidente da assembleia geral, a quem foi apresentado o pedido de demissão, assim como do Ex.^{mo} Senhor Director Geral dos Desportos.

Uma colectividade como o F. C. do Porto não pode cair em caminhos que lhe compungem a vida. E, neste altura — muito cuidado!

Em ELVAS, em GUIMARÃES e no PORTO



Em Guimarães, os sanjoanenses não puderam evitar ataques sucessivos dos campeões do Minho



Feliciano, em cima, e Capela em baixo, desfazem duas avançadas do Boavista



Dois instantâneos, do jogo de Elvas. Os campeões de Portalegre tiveram forte oposição dos estudantes



EFECTUOU-SE o Congresso Internacional de Patinagem presidido pelo sr. Fred Renkewitz, secretariado pelos srs. Otto Mayer (Suíça) e A. H. Soflé (Bélgica).

Entre os vários assuntos tratados foi resolvido que Lisboa organizasse o Campeonato Mundial de 1949. O de 1948 será em Montreux.

No clichê à esquerda: um aspecto do Congresso.

A direita: A Taça «Stadium» oferecida pela nossa revista e que será conquistada pela equipa que conseguir no actual campeonato, melhor «goal-averages».

